

1. *GARDEN-PARTY* EM CASA DE LUCRÉCIO

MARCOS JOSÉ OLIVEIRA HELENA, 1º PRÉMIO
(II CONCURSO DO CONTO DE INSPIRAÇÃO CLÁSSICA,
ESTUDANTE DO ENSINO SECUNDÁRIO)

- Já não há arquitectos como no nosso tempo...

- É verdade!

- Onde é que já se viu?! Até mesmo os Campos Elísios já foram inundados por esses construtores de compasso e meio, que ocupam o tempo a destruir esta Primavera sempiterna que nos concederam os benévolos deuses. Lembras-te das pequenas casinhas dos nossos avós, mais à etrusca ou mais à grega, conforme os gostos. Eu, para mim, era mais à etrusca... É que os arquitectos gregos também são versados na arte de construir castelos no ar; é mal nacional e não se sabe quando podem pôr os pés pelas mãos; ainda nem deu tempo para dizer “Aristóteles” e já não se sabe se estão a pensar na obra ou a passar em revista as acções do dia! Enfim, são Gregos e basta! Mas, agora, ainda é pior! Chegou-se a um tal ponto que já duvido se o pólen que por aí se snifa não será assim uma pedra moída que sobrou de qualquer obra... Constrói-se muito e muito mal. Quero ver, se os tectos começarem a cair, a quem se imputa a responsabilidade! Não, já não há a mesma alegria. Antes, sabíamos saborear a certeza da eternidade, não consumíamos as nossas forças em esforços desmesurados, vivíamos frugalmente, e não nos enfastiávamos. Não percebo esta juventude...

- Ó Catão, vê só quem vai ali! Sim, senhor, o Epicuro a toda a brida! E... não me digas?!

Aparou a barba, não, cortou-a rente! Mas que demónio? E não traz pálio!

- Este mundo está perdido! Até os filósofos, que ao menos tinham por certo a imortalidade da alma, vivem como se só fossem corpo... Hipócritas!

- Mas este aqui é um caso especial. E não é que se dirige para casa do Lucrécio?

- Lucrécio! Tito Lucrécio Caro! À hora sexta deitado para aí que nem um porco que se deixa comer por lobas?! Nunca esperei isso de ti: o meu discípulo mais extremista. Eu a dizer que os deuses não se preocupam connosco, e já tu propunhas que eles nem sequer existiam... Eu a reclamar moderação nos prazeres, e tu, para eliminares um, deixavas-te cair noutros... Ou tu me vens receber togado, ou entro-te pelo cubículo adentro! Ouviste, Lucrécio?

Lucrécio podia não ser um epicurista dos mais ortodoxos, é verdade. Agora, o *magister* era sempre o *magister*, com mais ou menos barba, e havia que o respeitar. Dir-se-ia que nem uma gotinha de água tinha caído pela clepsidra, quando Lucrécio se precipitava pelo peristilo em direcção ao *magister*, passando a mão direita pelos cabelos e pela barba, e com a esquerda tentando prender a toga com um repuxado solene.

Chegado ao átrio, Lucrécio saudou o *magister* – a cabeça muito hirta, a mão direita estendida para a frente, num plano oblíquo ao corpo –:

- Ave, o *Caesar philosopharum*! Tu, o *praeclare vir, qui fuisti, es et semper eris*...

- Ó Lucrécio, por amor dos d..., deixa-te lá das laudes matinais. Que eu saiba, ainda não és meu cliente?! Sim, porque também o único estipêndio que te poderia dar seria a minha filosofia. E, pelos vistos, tem-la por bem pouco...

- Que dúvidas são agora essas, *magister*? A minha apologia não escondes de cicuta... Nunca te acusei de me corromperes, nem tão-pouco suspeitei

que quisesse admitir deuses estranhos à cidade... Sei perfeitamente quais são as tuas fraquezas, *magister*: depois de estares aqui, nos Campos Elísios, há tanto tempo e de teres bebido a ambrósia do cálice da própria Vénus, ainda duvidas... Não sei se é teimosia, se insegurança?

Neste ponto, Epicuro deitou-lhe um olhar condenatório, para depois revirar os olhos. A voz de Lucrécio ficou, por breves segundos, estrangulada na garganta. Gaguejou e, depois que se recompôs do assomo de incivilidade mútua, sugeriu:

- Falta de auto-estima talvez?

Aqui o sobrolho de Epicuro franziu-se e, por fim, Lucrécio optou por acabar ali mesmo aquela conversa, que não levaria a lado nenhum:

- Esquece tudo isto, *magister*... Mas que vejo eu? Novo corte, hein?

- Que novo corte?

- Do cabelo é que não é de certeza: a calvície não perdoa a ninguém, nem mesmo aos grandes filósofos! Claro que falo da barba... Ora, levanta lá os braços, não me vais dizer que também aderiste à última moda da cera de abelha...

- Lucrécio, falas como uma mulher. E olha que o nosso caro Tucídides já dizia que o melhor que podemos fazer às mulheres é não falarmos delas...

- Ai, *magister*, calma aí. O teu Aristóteles anda enferrujado: então justificas a falta de propriedade e de virilidade do meu discurso, recorrendo à *auctoritas* duma frase de Tucídides em que a mulher é o objecto do discurso e não a sua inspiração?! São os nervos que te impedem de raciocinar? Foi só uma piadinha, está bem? Não vale a pena irritares-te.

Epicuro não estava à vontade, achava-se desautorizado. Lucrécio atalhou:

- Olha que já vi e ouvi pior: o grande Demóstenes articulou, uma vez, um longuíssimo polissíndeto em *kai*, porque não achava argumentos, e o não menos facundo Cícero não desempanava do *sed etiam*, porque já não se lembrava do que tinha dito no *non solum*... Com efeito, o pior que o orador pode fazer é deixar que os sentimentos se sobreponham ao raciocínio. Mas, pelo contrário, alguma licença é concedida ao amante.

Verdade seja dita, se é permitido ao poeta enxertar cavalos no corpo dos homens, então também ao amante deve ser permitido...

- Eu agora também te dizia para releres, com arte, a poética do teu Horaciozinho!

- Pouco importa! Falo agora do amor, *do respeito pela mulher...* Se o Homero e o teu Tucídides soubessem que deveriam a mulheres a sua diuturnidade na Gália, nem tinham sequer pensado em escrever as belíssimas obras que nos legaram. Agora, eu não, eu amo-as, quero-as, desejo-as...

- Também tu adoptaste um novo estilo. Ainda posso admitir que te tenhas rendido ao amor. Enfim, com a imortalidade, ou melhor, com a confusão dos tempos e a licença do anacronismo, o critério do prazer desvanece-se algum pouco e a imediatez do sexo já não basta, mas daí até fazer laudes às mulheres vai uma grande diferença!

Com isto, Lucrécio piscou o olho a Epicuro:

- Eu só disse que não era interesseiro para contigo...

228 Talvez Lucrécio se quisesse iludir ou convencer a si próprio, quem sabe? Ou seria só um jogo de aparências com o *magister*?

Entretanto, sai do cubículo uma jovem rapariga, no que hoje se poderia chamar uma mini-túnica. A matrona que lha fez *lanem fecit, sed pauca*, tanto mais que, sempre que a *puella* dava um pulinho mais ousado ou tentava uma cabriola mais acrobática, desenhavam-se às vistas incautas, e às menos incautas, as bordas de duas nádegas redondinhas. A cabeça daquela Vénus de mármore guardava a frescura da tenra infância, mas não se confundia com as demais *puellae* que por aí andam: esta já punha unguentos de Pompeia na face – não sabemos é se ela também era dada à eloquência na hora da ceia...

Lucrécia, ao aproximar-se de Lucrécio, cumprimentou-o com um beijo na boca, ao mesmo tempo que se empoleirava para lhe cingir a cintura. O beijo demorou. Era como se cola – certamente, o unguento já devia estar rançoso – prendesse os seus lábios. Ao desprenderem-se, um fio de saliva quebrou-se no ar, o qual seria bem visível àqueles fulgurantes raios de sol que entravam e alumiam aquele átrio. As bocas fecharam-se com pesar.

Lucrécio exortou a amada a dar um passo em frente e a cumprimentar o *magister* com uma vénia, prolongada de preferência. Assim fez a jovem rapariga, para grande gáudio e júbilo dos olhos de Lucrécio, que já sorriam só de imaginar! Epicuro esboçou um esgar de reprovação, mas, como esta devia parecer ser uma daquelas reprovações que servem para esconder as verdadeiras vontades, Lucrécio desvalorizou um possível conselho ou admoestação mais velada do *magister*. Depois, Lucrécia descreveu uma pirueta ágil, rodando sobre si mesma, sem jamais tirar os pés descalços dos mosaicos do chão. Lucrécio puxou-a a si pela cintura. Próximo o suficiente para que o *magister* não ouvisse um sussurro que Lucrécio lhe pudesse fazer ao ouvido, desnastrou-lhe duas tranças, cujos cabelos mais rebeldes, já com as pontas um pouco secas, interferiam com a beleza daquele conjunto de serpentes, que nem a Medusa as teve mais entrançadas. Mas neste caso, porém, Lucrécio estava certo de que daquelas tranças não surgiriam mil cabecinhas esfaimadas com suas bocas dentadas e arregaladas – senão um doce perfume a flor de laranjeira.

- Agora, tenho de me ir embora, querido. Mas volto logo à noite e trago amigas.

Mal disse isto, Lucrécia saiu muito descontraída, sempre com os pés descalços, para o exterior. Epicuro desabafou:

- Quem tivesse visto, como eu vi (ou ouvi ver, que a imortalidade inverte-nos, altera-nos os sentidos), a aflição com que ela cravou *ferrum in sinu suo*, pela vergonha que pudesse – temia

- cair sobre a casa do seu vetusto pai, pelo pudor que guardava a si própria, pelo respeito ao marido, ficaria, no mínimo, boquiaberto. Sabia que entre as suas habilidades se contava o poder de fazer destronar reis à distância, mas nunca pensei que tocasse também nas habilidades da dissimulação. É isso: ela devia ter consultado algum oráculo e sabia já do bem que a esperava...

- Porque falas em *dissimulação*, quando apenas se trata de *mudança*? Olha para mim, olha para ti: até já pões a hipótese da existência de oráculos verdadeiros. Bem vistas as coisas...

O começo da reflexão filosófica foi interrompido, não pela clepsidra do orador, nem pelo seu relógio biológico, mas pelo estômago a dar horas! Coincidência das coincidências – mais uma crença para derivar do reconhecimento da imortalidade, mas, se para reconhecermos esta última demorámos tantos séculos, mais vale nem pensarmos na primeira; não se veja nisto uma atitude muito pouco filosófica: primeiro, não se consegue pensar de barriga vazia, segundo, para que a imortalidade continue a ser tranquila, como queriam os nosso dois anciãos de há pouco, mais vale deixar algumas coisas para fazer amanhã –, coincidência das coincidências, chega Apício, pelo que Lucrécio não teve de dar à sandália até à cozinha. Não sabemos se foi por o cozinheiro se ter apercebido da fome do patrão, mas, quando Apício acelerou o passo, deixou cair no chão um pequeno canapé dos vários que trazia numa bandeja. Lucrécio contemplava, com um ar muito apreensivo, a cena e já nem sequer pensava em saborear os *acidentes* daquela *substância* que Apício trouxera e que deitava um cheiro tão condimentado. É assim, o calor da sinestesia chega mesmo às mãos dos hábeis e acostumados cozinheiros!

O canapé tinha caído a direito: era inegável. Mas o canapé era composto por átomos. Ora, os átomos, mesmo com o seu *pondus*, deveriam desviar-se, ligeiramente, devido ao *clinamen*. Logo, o nosso pequeno canapé, que só esperava ser engolido por alguém que não se ativesse à regra dos catorze segundos, deveria, por menos que fosse, ter-se desviado um bocadinho da normal. A confusão dos sentidos, que o tinha vindo a constranger nos últimos tempos, não se lhe afigurou como justificação possível, e já cometia o juízo temerário de pensar que aqui o Aristóteles estava enganado. Afinal, sem *clinamen* não há liberdade – aqui está a belíssima chave do epicurismo: a fusão da física com a ética – e assim os Campos Elísios tornar-se-iam uma *prisão perpétua*. Realmente os Romanos tinham a sua mão para o direito... Mas que daqui não se tire jurisprudência! E, ao mesmo tempo, Lucrécio sentia-se livre, muito embora tivesse cedido, recente – não se esqueça o leitor da loucura temporal em que agora estamos mergulhados – e voluntariamente ao amor, a masmorra

por excelência. Seria este o sentido das palavras de Sêneca: *non potest gratis constare libertas*? É que, se fosse, até o Locke ou o Rousseau não se importariam de pôr um pezinho nos Campos Elísios – a habitação até está tão barata... O problema é que eu temo que não seria bem esse o sentido original – culpa certamente da deriva semântica, que até pode pôr Cícero a falar com o calão da psicologia moderna, mas lá ao Freud já não chega!

Filosofias à parte e canapés para dentro, Epicuro aproveitou aquele momento para matar as saudades – todo o filósofo que se prese tem sempre um amigo cozinheiro, por razões óbvias –, se é verdade que os Romanos já sentiam a *saudade*. Há quanto tempo já não via o seu amigo Apício? Ainda guardava o mesmo *trem de cozinha*? Ninguém, em todos os Campos Elísios, jamais se esqueceria de que Apício quase se tornou carne picada para o Cérbero-dos-olhos- - fechados, por causa do seu último desejo em vida. É que o nosso cozinheiro gastou os últimos óbolos – e o *tempore* a taxa de câmbio convidava a trocar os sestércios pelos óbolos, o que é que querem?, e, para além do mais, ele já previa a necessidade de utilizar a moeda grega – a comprar o mais recente e mais sofisticado trem de cozinha que a *Domus Idealis* tinha alguma vez lançado. Tantos apetrechos em prata: até dariam, só de os utilizar, outro gosto ao *garum*! Assim como assim, se é para fazer mal, mais vale que se aproveite tudo e se faça o gosto ao dente... Mas, quando Caronte o viu chegar cheio de tachos e panelas mas sem um óbolo sequer, não é que o barqueiro sombrio se queria furtar a levá-lo para a outra margem? Não fosse a capacidade de Apício em convencer pela comida e ainda hoje estaria deste lado do rio! Não desvalorizando, contudo, a sua perspicácia e o seu talento, verdade seja dita que as condições lhe eram favoráveis, os deuses torciam por ele: o Estige ali a borbulhar cá com um calorzinho! Foi só cortar a cauda ao Cérbero-dos-olhos-abertos e fez ali mesmo uma sopinha de rabo de boi, perdão, de cão, que nem queiram saber. Logo que chegou à outra margem, Apício não precisou de falar em dados, exclamou antes humildemente: «O barqueiro já vai

almoçado!». É também prova da inexorabilidade do sucesso, hein, ó César?

Depois destas memórias relembradas, *ut mos iussit*, calhou em falar-se da *garden-party* que Lucrécio ia dar logo à noite ali em sua casa... Apício queria só confirmar a ementa e saber se os canapés estavam aprovados; aliás, tinha sido para isso que tinha vindo à procura do patrão. Foi um momento constrangedor. Lucrécio sabia que ainda não tinha convidado o *magister* para a *garden-party*. Porém, o ambiente rapidamente se descongestionou, quando Lucrécio reparou no rosto pouco espantado do *magister* – ou então com um espanto demasiadamente acanhado para ser genuíno –: que estupidez, por que deus, é que Epicuro teria cortado a barba?! Lucrécio despachou Apício:

- Os canapés passam bem, Apício. Mas agora, toca a despachar, que o tempo urge – esta contradição sempre constante voltou a assaltar Lucrécio e fez toldar-se-lhe o rosto; rapidamente recuperou – ... Para a cozinha, tudo tem de estar perfeito: a Lucrécia vai-me apresentar a sua amiga Virgínia! Também nós damos agora um pulinho à cozinha, hein, *magister*?

A preferência pela *garden-party* não tinha sido inocente... As *babes* com quem Lucrécio andava ultimamente não lhe tinham transmitido este traço de carácter! Era, evidentemente, uma homenagem ao *magister*, que serviria para reforçar o estreitamento dos laços entre ambos. Ao fim da tarde, à luz do crepúsculo e com Apolo a declinar, começaram a chegar afamadas personalidades do *jet-set* dos Campos Elísios. Chegaram também Lucrécia e a sua amiga Virgínia. Como se veio a saber, o nome desta última induz em certo erro e mais reforça a dissimulação feminina de que Epicuro falava há pouco... Epicuro chegou. Depois de ele ter almoçado com Lucrécio – foi para isso que ele há pouco se apresentou

em casa do seu discípulo – e após uma troca aguerrida de palavras, assim um bate-papo, sobre esse atentado contra o *clinamen* que era a história desse anglo que tinha ficado com um galo na cabeça. Sinceramente, que grande *lapalissade*: um bárbaro que tinha experienciado que a fruta madura cai! Mas, mesmo assim, era uma afronta à teoria e, de onde quer que venham, as afrontas devem ser estudadas. Para não ficarem muito inquietos com a possível destruição da teoria, acabaram o almoço a falar das diferenças entre níveis de realidade... Afinal, o que é nacional é bom e dever ser protegido! Epicuro recolhera entretanto a casa para aprimorar ainda mais a sua *toilette*. Agora estava ali.

O festim estava a correr muito bem, uma diversão louca. Baco apareceu com as suas Lídias e chamou a si todas as atenções. Apolo manteve-se na sombra. Os sátiros galanteavam as ninfas e Júpiter furtava-se aos olhares de Juno para reconduzir os seus para uma jovem qualquer que por ali passasse. Vénus conversava com Éolo. E a conversa não deve ter corrido muito bem – o que é que ele era a menos que Vulcano? o que é que o feio daquele ferreiro tinha a mais do que ele? aquele casamento entre uma bela e um monstro não estava votado à maéstia? não seria a primeira vez? –, porque tão inopinada, como ameaçadoramente o céu encheu-se de escuríssimas nuvens, ao ritmo da inspiração e da expiração do próprio Éolo. Os foliões eram igualmente ameaçados por terríveis relâmpagos e seus trovões. Júpiter até temeu que outro Percy Jackson se tivesse intrometido na sua vida... Resignado, sem explicação nem alternativa, Lucrécio saiu do Jardim e entrou pelo Pórtico.

Os convidados foram conduzidos ao triclinio, onde ficariam, apertadinhos, à espera que a tempestade amainasse, isto é, que Éolo se apaziguasse e acalmasse a sua fúria. Todavia, a sala apinhada não se sentia, mesmo no conforto do interior da casa, mais segura do que lá fora, no jardim, e todos os esforços de Apício em enfiar pela goelas dos convidados especialidades que ele tinha de reserva de pouco serviram. Também é compreensível: o ribombar dos trovões e as pancadas da água no tecto não afrouxavam. Temia-se o pior... e com razão. Todos estavam bem

conscientes dos perigos que estas novas casas construídas à pressão traziam para os seus habitantes. Lucrécio mudara-se há pouco tempo. Muito baratas, muito baratas, mas depois a telha era muito cara e toca a pôr madeira e, se calhar, madeira carunchosa, a servir de telhado. De súbito, começaram-se a ouvir os estalidos, os estrépitos das vigas do telhado, até que ele cedeu em parte! Mas, desta vez, por esse buraco, não desceram nem malabaristas, nem presentes, nem iguarias carregadas de açafrão, mas tão-somente água, mais água, um verdadeiro *baptismo*. Não se apurou se houve feridos ligeiros ou mesmo graves, com pancadas de madeira na cabeça, mas, se assim foi, tanto melhor, pois que ainda viria mais pesada bátega lá do cimo. Éolo, descontrolado, louco de amores não correspondidos, atirou-se lá do cimo, mas, porque aquilo não era Roma, nem estava em chamas, muito pelo contrário, não pegou na harpa, nem cantou a queda de Tróia. Enquanto caía citou antes o egrégio poeta amigo de Séneca, de que agora me esquece o nome: «Se é para cair, então quero cair do céu». Séneca, ali presente, pensou no perigo da literatura nas mãos de alguns leitores; Lucrécio verificou se Éolo se tinha desviado da normal ou não; Esculápio só pensava que, depois, teria imenso trabalho a massajar o corpo dorido do deus pulante, cuja imortalidade não ilibará de terríveis dores; Epicuro temia pelos amores de Lucrécio e até onde estes o poderiam levar, mas ainda assim deitou um olho gordo a Virgínia. Dédalos sempre tinha tido melhor sorte: também caiu do céu, é certo, mas com um dia de Sol.

FIM